O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 40.º — N.º 2022

Sábado, 6 de Dezembro de 1947

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Coisas dos jornais e coisas locais

OS AVEIRENSES NA REUNIÃO DO CONSELHO MUNICIPAL

Pelo Dr. Alberto Souto

Aceitar aquele convite da Câmara para dar voto consultivo sobre o plano de urbanização, era, na verdade, assumir uma alta responsabilidade de perante o presente e perante o futuro.

Naturalmente nós não fomos convidados só para dizermos *amen*, isto é, não fomos convidados para fornecermos um conselho aprovativo de tudo o que era preconizado pelo plano urbanístico, nem para darmos simplesmente palmas aos eléctricos.

Ainda que os projectos que nos iam ser presentes, estivessem bem esclarecidos e documentados ou, até, absolutamente certos e perfeitos, a dignidade mental da *élite* da terra, ali mais ou menos representada pelos convidados da Câmara, impunha a obrigação moral de dizer da sua justiça, mesmo na hipótese de total concordância, aliás pareceria que íamos ali desempenhar o papel que nos teatros desempenham as *claques*.

Ora não foi esse o propósito da Câmara ao convidar nos, nem era esse, certamente, o desejo da grande maioria dos convidados.

Tornava-se, pois, elementarmente necessário que alguém usasse da palavra, não pela vaidade de falar e de vêr o seu nome nos jornais, mas pelo melindre da situação criada e pelas responsabilidades do encargo que nos era cometido e, ainda, para que o povo de Aveiro podesse ter alguma confiança nos seus homens representativos ou para que os vindouros não acoimassem, um dia, de incompetente e inepta esta camada de gente de hoje, no caso de virem a notar-se, de futuro, erros irreparáveis.

Mas para alguem dizer da sua justiça hoje, em Aveiro, é um caso sério! E' precisa certa coragem moral capaz de vencer muitos mêdos, entre eles o mêdo de incorrer em desagrado.

Como há pessoas que teimam em chamar a Aveiro, despropositadamente, a *Veneza de Portugal*, há hoje em Aveiro muita gente que tem um receio enorme de existir cá, também, uma *Senhoria*, com as suas dependências e entrelaçamentos e os seus fâmulos, esbirros, Chumbos e Ponte dos Suspiros, como houve na república plutocrática da velha e autêntica Veneza!

Era necessário, também, haver conhecimento, compreensão, discernimento e decisão.

Conhecimento dos problemas propostos, compreensão dos planos expostos, discernimento para avaliar das suas vantagens e dos seus inconvenientes, decisão para aprovar ou reprovar, aconselhando ou desaconselhando.

A Câmara, essa, tinha-se colocado numa posição cómoda e hábil: lançara sobre aquilo que eu chamo a *élite* da cidade, grande parte das suas responsabilidades.

Ela não o disse, nem o quiz dizer, mas o seu convite podia significar nada mais, nada menos do que o seguinte:

—*Ora agora avenham-se lá com o plano de urbanização e com o sr. arquitecto seu autor, se são capazes!*

—*Atrevam-se!...*

E se ninguem se *atrevesse*, a Câmara ficava, na verdade, cheia de razão para não ouvir mais críticas, nem alvitres, nem reparos, nem queixumes e para aprovar tudo sem contemplações ou para meter a cidade num colete de forças como seria o de uma urbanização defeituosa.

De futuro, a cidade, se alguma coisa lhe desagradasse, só poderia queixar-se dos seus *homens* de hoje, da sua *élite* de 1947, isto é, de si mesma, por não ter estado à altura das responsabilidades de uma questão em que se joga o futuro do solar de toda a comunidade aveirense.

* * *

De entre os aveirenses que compreenderam isto, houve três que procuraram cumprir o dever de honrar os brios locais e defender a testeira daquilo que julgaram ser o melhor interesse da cidade no estudo do seu novo arranjo urbanístico: foram o sr. desembargador Jaime de Melo Freitas, o artista sr. José de Pinho e o autor destas linhas. Foram ainda três dos discípulos da antiga escola do bairrismo indígena, três veteranos daquela geração que assistiu aqui ao despedir do século de oitocentos; três nomes, (fóra a imodestia da minha parte), bem conhecidos entre os *cagarêus da velha guarda*, depositários das honrosas tradições locais do século XIX e testemunhas da fecunda germinação daquelas ideias progressivas, que no primeiro quartel deste século, deram a Aveiro a base do seu actual desenvolvimento e a estrutura da sua presente economia.

Estes três velhos aveirenses não disseram tudo quanto poderia e devia dizer-se, mas disseram o bastante para se salvar a honra do convento.

E' que nós, antigamente, eramos assim cá na terra. Trabalhavamos, cada qual no seu ofício, mas pensavamos nos assuntos comuns. Sentiamos o bem e o mal da cidade, mas dissentiamos, sem melindre de maior, no *modos faciendi* e nas medidas a adotar. Divergiamos nisto ou naquilo e discutiamos num amplo sentido de tolerância e liberdade. Escreviamos, falavamos, lutavamos, mas passado o temporal das discussões, comprazia-mo-nos em ver que Aveiro surgia da fumarada dos nossos combates, rejuvenescida, melhorada e mais querida de todos.

Poderia ser mau o sistema, mas foi com êste caracter e êste ambiente, com esta galhardia e êste *à vontade* (que já nós herdamos dos nossos antecessores) que se criou êste povo e se desenvolveu esta cidade com o seu feitio próprio e o seu aspecto actual. E tão bom ou tão mau que os estranhos aqui se dão muito bem e são acolhidos e considerados sem diferença dos seus naturais, e, de tal sorte, que ocupam, em grande maioria, e sem a menor animadversão, os cargos directivos.

Sem embargo do que, eu continuo a pensar que a *cidade de Aveiro precisa de ter ideias próprias àcerca dos seus grandes problemas, porque muitos desses problemas nunca podem ser bem entendidos senão pelos seus naturais e muitos problemas há que não podem sofrer soluções de acaso, mas carecem de estudo demorado e de soluções bem adequadas ao caracter do povo e às características da localidade.*

E se é certo que aos homens que governam o Município cabem as grandes responsabilidades, pois é a eles que pertence o poder de resolução, a verdade é que isso não impede, nem podo impedir, como eu já disse nestas colunas, que haja uma corrente local de opinião consciente àcerca dos problemas municipais.

Os três aveirenses que falaram perante o Conselho Municipal, traduziram bem, com as suas palavras e o seu gesto, esta maneira de pensar.

* * *

E está terminado o preâmbulo desta série de artigos. Vamos entrar no assunto. E o assunto é o plano de urbanização que, segundo o convite da Câmara, nos seria explicado pelo seu autor o sr. arquitecto Moreira da Silva.

O sr. arquitecto, porém, declarou, logo de entrada, que não estava preparado para falar a tão grande assembleia, pois só esperava ser ouvido pelo Conselho Municipal.

Isto causou certo desapontamento. Então aquela reunião e os termos da sua convocatória não tinham sido combinados com o autor do projecto?

Concluimos todos que não.

Não vinha, porém, de aí grande mal ao mundo, visto que o sr. Moreira da Silva se prestou, de boa mente, a dar as explicações que lhe pedissem.

Inverteu-se, então, a ordem natural dos trabalhos. Em vez de ser o sr. arquitecto a dar-nos a sua lição, passamos nós, ouvintes, a dar a nossa lição. Entretanto, a própria Câmara alvitrou por escrito algumas emendas. Uma dessas emendas já nós esperávamos que fôsse alvitrada—a do não alargamento da rua Gustavo Pinto Basto que, muito acertadamente, agora nos aparece prolongada até ao cais.

Neste ponto estavamos todos de acordo e não podiam distinguir-se nem os que encaram estes problemas apenas pelo lado do ponto de vista público, nem aqueles que os encaram, apenas, pelo lado dos interesses particulares atingidos ou favorecidos, quer esses interesses sejam próprios, quer sejam dos sócios, dos amigos ou dos compadres.

Achei, pois, bem, pela minha parte, a sugestão da Câmara ou do Conselho Municipal para que se não alargasse a rua Gustavo Pinto Basto e se não cortassem alguns dos seus prédios ameaçados.

Na Assembleia Geral do Teatro Aveirense de Março de 1946 já eu manifestára a minha discordância com o corte da Praça da República e com o desnecessário alargamento da dita rua.

A minha concordância, agora, com a Câmara, neste ponto, era, portanto, lógica e coerente, e eu não mudo de ideias, nem abandono a lógica e a coerencia para ser agradável aos que me estimam ou para fazer partida aos que me odeiam.

Do facto da própria Câmara fornecer alvitres para alterações no projecto, concluimos nós todos que o projecto de urbanização ainda é, como na verdade se lhe chama, um verdadeiro *ante-plano* em estudo e susceptivel de emendas.

E na emenda do caso da rua Gustavo Pinto Basto estivemos já todos de acordo: a Câmara que condescendeu em acautelar o edifício do Teatro Aveirense e os interesses dos seus futuros donos e dos actuais proprietários de prédios na referida rua; os interessados nessa rua que teem larga representação dentro da Câmara, e os que sempre pensaram como eu penso, independentemente de interesses ou prejuisos, de amizades ou inimizades, de simpatias ou antipatias.

Até pareciamos *todos amigos*, como eu queria que fossem todos os aveirenses e como poderiam ser, se não houvesse na cidade, como há, tão grande caterva de *amigos de Peniche!*

No caso especial da rua da Costeira é que a Câmara não modificou o seu pensar, nem apresentou ao sr. arquitecto qualquer alvitre atinente a desistir do corte por êle previsto e projectado.

Mas temos o direito de esperar que ai mesmo se chegue a acordo, pondo-se de parte totalmente o plano parcial confirmado no *ante-plano* e na maquete da Ponte-placa, e vencendo, assim, o critério prudente e sensato que se manifestou numa representação dirigida à Câmara, nos numerosos artigos dos jornais e na própria discussão na assembleia do dia 14.

* * *

Os três únicos aveirenses que usaram da palavra, manifestaram o desejo de que a Ria fosse realçada e aproveitada como elemento essencial da beleza da cidade, quando é certo que o não foi devidamente; de que fosse a Casa da Câmara e não o edifício particular do Hotel-Arcada a origem da possivel simetria ou ordem construtiva a estabelecer no centro da cidade e a base das transformações a realizar no sistema de Entre-pontes — Paços do Concelho — Rua Coimbra—Rua Gustavo, ao contrário do que acontece no projecto; e de que o ante-plano de urbanização ali exposto fosse modificado no sentido de haver de futuro, mais pontes, sobre o canal, mais ruas comunicantes entre o sul da cidade e a parte da cidade que fica do lado norte do canal (freguesia da Vera-Cruz) e mais largos-praças que faltam no projecto.

Facto digno de nota:

Nem um só dos convidados da Câmara se ergueu para apoiar e defender a solução *Ponte-placa* e o corte da Rua Coimbra no sentido da maquete exposta há tempo e do projectado no desenho do ante-plano urbanístico!

São ideias que devem, pois, considerar-se arrumadas por condenação formal da opinião da cidade, opinião exarada numa representação, na imprensa e na reunião dos Paços do Concelho.

Sem desdouro para o sr. arquitecto urbanista nem para ninguem, essa ideia não deve ressuscitar, e o sr. arquitecto Moreira da Silva e sua Ex.^ma^ Esposa e colaboradora teem competência e merecimento bastantes para elaborarem novo projecto parcial de harmonia com as opiniões manifestadas a favor da multiplicidade de pontes e da sua não redução, bem como da não alteração da rua Coimbra.

Eu sou dos que esperam que o espírito conciliador e compreensivo dos srs. arquitectos dê a este conflito a solução satisfatória: estudando e projectando duas ou três pontes de lados e passeios laterais curvilíneos, e, como disse o sr. dr. Jaime Melo Freitas,—vendo o problema estético de cima para baixo ou seja de frente dos Paços do Concelho para o Rocio, para a Rua João Mendonça ou rua

Trágico temporal

Desencadeou se em todo o país no princípio do mez, levando o luto e a dor a muitas dezenas de famílias que vivem do mar e portanto às suas fúrias estão sujeitas quando surpreendidas pela violência dos elementos ao exercerem a profissão da pesca em que se empregam. Agora foi o Norte—Matosinhos e Leixões—onde mais se fez sentir a crueldade do Destino, devido ao naufrágio de algumas traineiras que consigo levaram para as profundezas das águas mais de 150 pescadores, que eram o amparo das suas famílias, o esteio dos seus lares e para a economia nacional representavam incalculável valor.

Não há memória de um drama marítimo de tamanha latitude como o ocorrido na tenebrosa noite que se sucedeu ao dia 1!

Registamo-lo, tambem, em obediência à função que desempenhamos, mas queremos salientar ao mesmo tempo que a desgraça seria ainda maior se não fossem as instituições a coberto das quais se encontravam as vítimas e cujas famílias não ficarão, por isso, de todo ao desamparo, como sucedia antigamente.

Benemerência

Encontrando-se em Aveiro a passar alguns dias ellas entregou nesta Redacção 20$00 para os pobres do *Democrata* o nosso conterrâneo João de Matos, residente na capital.

Os nossos agradecimentos.

Pela Magistratura

Por ter sido promovido a juiz vai ser colocado em Odemira o sr. dr. Artur Lourenço, que desde há tempo vem exercendo as funções de Delegado do Procurador da República na nossa comarca.

Deixa nesta cidade muitas amisades, devido à afabilidade do seu trato e à delicadeza das suas maneiras.

O 1.º de Dezembro

Esta data histórica foi comemorada, como dissemos, pela Mocidade Portuguesa, que cumpriu à risca o programa elaborado.

Quereis auxiliar os bombeiros? Comprai bilhetes para o sorteio do Natal.

O exemplo dum benemérito

—o—

O nome do comendador Paulo Felizberto Peixoto da Fonseca, português há muito residente no Rio de Janeiro, era muito conhecido dos habituais leitores da imprensa portuguesa, pois pelo menos uma vez por ano dava sinais de si, distribuindo donativos às nossas instituições de benificiência. A sua terra natal, Barcelos, foi naturalmente a mais beneficiada com os seus donativos.

O comendador Peixoto da Fonseca faleceu agora no Rio de Janeiro e o seu testamento honra sobremaneira a sua memória e afirma, além do seu espírito altamente filantrópico, um grande amor a Portugal e às coisas portuguesas. Não é ele o único dos portugueses residentes no Brasil a lembrar-se da sua Pátria distante e dos seus irmãos de raça e de língua, pois numerosos legados têm recebido instituições portuguesas daquela origem.

E' porém, certo que o nome do comendador Peixoto da Fonseca, já tão repetido quando se fala da benemerência dos portugueses residentes no Brasil, não poderá ser esquecido no futuro, tantos e variados benefícios ele prodigalizou em instituições de caridade portuguesas, quer aqui na Metrópole, quer na terra brasileira, pois tanto no Rio de Janeiro como noutras cidade do país-irmão não escasseiam os organismos de auxílio e protecção aos colonos mais necessitados.

O testamento do comendador Peixoto da Fonseca atribui legados na importância de 100.000 contos (moeda portuguesa) a instituições de benificência da Metrópole e Ilhas Adjadentes. Muitas são as terras portuguesas, cidades e vilas, que sentirão os benefícios do testamento de Peixoto da Fonseca. A Misericórdia de Barcelos e o Hospital do Menino Deus, da mesma cidade, figuram à cabeça na distribuição dos donativos. Os legados, em número de 226, não os podemos aqui assinalar todos. Mencionaremos, apenas, alguns, que nos parecem os mais significativos: à Assistência Nacional aos Tuberculosos, de Lisboa, 1.000 contos; à Universidade de Coimbra, para estudantes pobres, 500 contos; à Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal, 100 contos; à Liga de Profilaxia Social do Porto, 50 contos; à Casa da Imprensa e do Livro, do Porto, 20 contos. E assim por diante a outras instituições de Lisboa, Porto, Coimbra, Guimarães, Viana do Castelo, Braga, Lamego, Figueira da Foz, Vila Real, etc.

Ao Patriarcado de Lisboa deixa a quantia de 1.400 contos para a fundação dum Asilo que receberá o nome do testador e que terá como padroeiros Santa Isabel e São João de Brito.

Sempre na alma portuguesa frutificaram os bons exemplos de piedade cristã. A vaga de incredulidade e de violência que está varrendo o Mundo não anulou completamente, como se vê, os sentimentos de generosidade e solidariedade social.

Que outros, e alguns são os que o podem fazer imitem o filantrópico procedimento de Peixoto da Fonseca, tão dedicado benemérito como zeloso patriota.

J. C.

IMPRENSA

Diário de Coimbra

Acaba de dar-se uma remodelação nesta folha regionalista das Beiras pela substituição de alguns dos seus elementos.

A sua estrutura, porém, ficou na mesma.

Caixa do correio

Quási todas as noites se reconhece que a que se encontra no átrio da estação do caminho de ferro é insuficiente para levar toda a correspondência que ali é metida, sendo por isso necessário substitui-la por outra, de maiores dimensões, ou então ter duas em vez de uma. Isto para evitar que mãos criminosas surripiem cartas e postais, o que se torna relativamente fácil.

A quem de direito se pedem, pois, providências imediatas.

Eng. Mateus de Lima

Tendo deixado a direcção do porto de Angra do Heroísmo, foi nomeado chefe da Repartição dos Serviços dos Edifícios de Mobiliário dos C.T.T., este nosso conterrâneo e amigo que na terça-feira tomou posse do lugar e a cuja cerimónia assistiram, além de numerosos funcionários, o Administrador Geral sr. eng. Couto dos Santos, que presidiu.

Ao eng. Domingos Mateus de Lima não faltam requisitos para o bom desempenho do cargo para que foi nomeado, pois além das suas faculdades de trabalho e dos seus dotes de inteligência possui predicados que muito devem concorrer para o impor à consideração dos seus subordinados. *O Democrata* envia-lhe felicitações.

Pelo Teatro

Realiza-se na próxima segunda-feira, pelas 21 horas, no Aveirense, um grandioso espectáculo, vindo representar o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, dirigido pelo sr. dr. Paulo Quintela, ilustre professor da Faculdade de Letras. E' promovido pela reitoria do nosso Liceu, constando da célebre trilogia de Gil Vicente — *Auto da Embarcação do Inferno, Auto do Purgatório* e *Auto da Embarcação da Glória.*

do Cais e para os Arcos e Rua de Viana do Castelo ou de Entre-Pontes e não da porta ou esquina do edifício particular que é o Hotel-Arcada.

Se assim o fizerem, o sr. arquitecto Moreira da Silva e Sua Ex.ma Esposa bem merecerão de todos nós e diz-lh'o aqui quem lhes reitera os protestos de consideração e de respeito que já na assembleia da Câmara, com sinceridade, lhes dirigiu.

E, a propósito, conto uma pequena história que é a história do monumento aos Mortos da Grande Guerra que se vê ao fundo da Avenida de Lourenço Peixinho.

Quando a Vereação presidida por esse saudoso aveirense expoz, nos Paços do Concelho, a primeira maquete do monumento, eu que ali me juntei com muitos convidados para darmos a nossa opinião, critiquei acerbamente o projecto, perante o próprio autor, o meu excelente amigo e ilustre escultor e professor Sousa Caldas.

E ao rematar a minha crítica, disse lhe:

—Meu caro Caldas: isto não serve. Você tem méritos para fazer muito melhor. Faça outra maquete!

E fez-se outra maquete e dela saiu o belíssimo monumento que, na sua expressão e simplicidade, tanto honra o seu autor e a cidade de Aveiro e que é um dos mais felizes de todo o País.

Nem a Câmara nem o artista se agastaram comigo. Fez-se outra maquete e ficamos todos satisfeitos.

O escultor grangeou aplausos e Aveiro pode orgulhar-se, hoje, de uma *memória* que concilia, suavemente, a seriedade plastifíce da figura com a modernidade do soclo e em que o artista, conjugando-os eternamente nobres materiais que são o bronze e a pedra alvinitente, produziu uma obra que infunde respeito e desperta emoção, emoção que é simultaneamente de ternura pela memória dos heróis e de admiração pela harmonia do conjunto.

* * *

Continuarei.

Os electricos para a Murtosa também são ali recebidos com entusiasmo, e foram aclamadíssimos à sua passagem por Cacia...

Aveiro, como dissemos, na reunião da Camara Municipal, onde foi apresentada a ideia da montagem duma linha de eletricos inter-urbana, com prolongamento e ramificações para Ilhavo, Vagos, Gafanha, Barra, Costa Nova, Cacia e Murtosa deliberou aprová la.

Os electricos, agora, são tudo. E o *Ecos de Cacia*, ao ouvir a campainha, aguardou os à passagem pela freguesia e não os deixou avançar para diante, fazendo-lhe uma das maiores manifestações só igualada quando o *Concelho da Murtosa* em presença da arrojada iniciativa que partiu de Aveiro, saúda o progresso regional e com êle tudo quanto acompanha a ligação dos electricos desde a *Veneza de Portugal* à progressiva terra do nosso velho e simpático amigo Júlio Baptista...

Combóios

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o horário dos caminhos de ferro, inserto noutro lugar, visto ter sofrido alterações no princípio do mês.

Preso que tenta ivadir-se

Do edifício das Carmelitas, onde está o Comando da Polícia, tentou evadir-se, na noite de sábado para domingo, um recluso que alí estava sob prisão, acusado de vários furtos.

Chegou a fazer um buraco numa parede que dá para a cêrca dos Bombeiros Voluntários, mas não conseguiu o seu objectivo pelo que redobraram os cuidados para que não repita a proeza.

Se a liberdade é tão sedutora...

O pior gatuno é o fogo. Por isso auxiliai os bombeiros, comprando bilhetes para o sorteio do Natal.

Pombos bravos

—o—

Noticiaram os jornais que, há dias, um bando gigantesco de pombos bravos passou sôbre a cidade de Evora, calculando-se que tivesse mais de cinco quilómetros de extensão. Quando a caravana voadora ia por cima do edifício dos C.T.T. dividiu-se, tomando uma parte o caminho do sul.

Para onde iria tanto pombo junto?

Para que os bombeiros possam enfrentar o perigo é necessário que possuam o material indispensável. Auxiliá-los é um dever.

Atenção para a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a gentil Maria Inocência, filha do nosso amigo Vitorino Casal Ribeiro, de Espinho; os srs. Américo Crespo, 2.º oficial da Direcção de Finanças, António da Fonseca e António Pais, e a sr.ª D. Rosa da Apresentação Gamelas Dinis, esposa do sr. Manuel de Oliveira Dinis; ámanhã, o sr. Jeremias Moreira, comerciante local; no dia 8, a sr.ª D Conceição Maria dos Anjos, da Casa dos Ovos Moles; *as gentis Maria Perpectua da Encarnação Dias e Maria Angela de Seabra Oliveira, filhas, respectivomente, dos srs. António Dias Pereira da Conceição, sócio da* Mercantil Aveirense, L.da *e Virgílio de Sousa Oliveira, das* Caves do Barrocão, *de Sangalhos; o sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal, o estudante António Alberto da Silva Reis, aluno do Colégio de Via Sacra, de Viseu, e filho do industrial de panificação sr. João dos Reis e o menino José Gil da Silva, filho do sr. Américo Carvalho da Silva; em 10, a interessante Maria do Carmo Vieira, filha do sr. José Vieira; em 11, o nosso amigo capitão Abel António Nogueira, chefe da 2.ª Repartição do Quartel General de Luanda (Angola) e em 12, o menino Fernando Carvalho de Oliveira, filho do sr. Serafim de Oliveira, 2.º sargento de Infantaria.*

Casamentos

Em Eixo realizou se no último sábado o enlace matrimonial da sr.ª D. Ana Balbina Saldanha de Carvalho, professora em Sernada e estremosa filha do nosso velho e presado amigo dr. Diniz Severo, médico naquela freguesia, e de sua falecida esposa a sr.ª D. Maria Henriqueta Saldanha, com o sr. Alvaro Tavares Ribeiro, professor em Ribeiradio e filho da sr.ª D. Alzira Augusta Ribeiro da Silva e de seu marido o sr. Abel Tavares Ribeiro da Silva, residentes em Arcozelo das Maias.

A cerimónia efectuou-se na igreja paroquial, sendo celebrante o sr. D. João de Lima Vidal, Arcebispo-Bispo da diocese de Aveiro, que proferiu uma brilhante e comovedora alocução.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus tios a sr.ª D. Balbina Adelaide de Sousa Terrio e o sr. João Baptista Saldanha, e pelo noivo, também seus tios o sr. dr. Américo Tavares dos Santos Silva, médico em Ribafeita (Viseu) e esposa a sr.ª D. Berta Correia da Costa Tavares.

Na residência do pai da noiva foi servido um fino copo de água *que decorreu num ambiente de franca alegria e satisfação a que deu também a honra da sua presença o venerando antistete.*

Ao novo lar, constituido sob os melhores auspicios, desejamos um futuro venturoso,

—Pelo sr. José Maria Marques e esposa a sr.ª D. Carolina de Jesus da Silva, foi pedida para seu filho o sr. Américo da Silva Marques, a mão da sr.ª D. Arlete do Céu Dias Morais, gentil e dilecta filha da sr.ª D. Conceição Dias Morais e de seu marido o capitão de Cavalaria, sr. António Rodrigues Morais.

O enlace efectuar-se-á brevemente.

Gente nova

Tendo dado à luz uma menina a esposa do sr. Manuel de Oliveira Diniz, empregado na filial do Banco N. Ultramarino, foi no domingo baptisada, recebendo o nome de Maria Tereza.

Oxalá a felicidade a bafege para satisfação de seus pais e avós, o nosso amigo Luís Lopes dos Santos e esposa.

Partidas e Chegadas

Depois de aqui ter passado um mês de licença seguiu, de avião, para os Açores o alferes Filipe Monteiro, que ali presta serviço.

—Esteve de novo em Aveiro o sr. Egas Trancoso, empregado comercial em Lisboa, a quem agradecemos a sua visita.

Doentes

Foi ante-ontem acometido de doença grave o sr. António Calheiros, antigo gerente da Wacuum desta cidade e pai do sr. eng. Duarte Calheiros, adjunto do Administrador Geral dos C.T.T.

Sentimos.

—Também se encontra bastante doente o comerciante Manuel Pascoal, da importante firma Pascoal & Filhos, *e cunhado do sr. dr. Mário Pais de Sousa, antigo ministro do Interior.*

Desejamos as suas melhoras.

—Em Coimbra, onde se encontrava de passagem, também adoeceu subitamente, na quinta-feira, tendo de ali ficar internado numa Casa de Saúde, o nosso amigo João Rodrigues Testa, da acreditada firma Testa & Amadores, *desta cidade.*

Lamentando o sucedido, fazemos sinceros votos pelo seu restabelecimento.

Cão

Desapareceu, próximo do Cruzeiro, em Esgueira, dando pelo nome de *Tejo*. E' preto e tem o rabo tostado.

Gratifica-se a quem o entregar a José dos Santos Oliveira, Rua General Costa Cascaio (Esgueira) procedendo-se a todo o tempo contra quem o retiver.

O PROGRESSO DO PORTO

Em 1949 deve realizar-se no Porto a Grande Exposição Industrial Portuguesa. O acontecimento, que baliza 100 anos de actividade da Associação Industrial Portuense, servirá de fulcro do progresso económico do País e das actividades produtivas e dos motivos turístico que enriquecem a capital do Norte.

O Palácio de Cristal, emoldurado pelo seu belo parque que é um dos mais lindos do País, de traça grandiosa mas antiquada, vai sofrer profunda transformação, adaptando-se ao grande certame com que a Invicta Cidade comemora 100 anos de cooperação económica e progresso técnico.

Simultâneamente serão inaugurados no Porto alguns grandes melhoramentos de interesse regional e nacional. Um deles é a estrada que ligará o Esteiro de Campanhã à Rua Infante D. Henrique, num lanço marginal ao Douro, de grande utilidade para a circulação urbana e motivo turístico muito apreciável. Faz parte da estrada da Circunvalação que a Câmara Municipal do Porto se propõe agora concluir e que, ligada ao porto de Leixões, virá impulsionar muitas iniciativas e desenvolver o turismo portuense.

Para a realização do troço a inaugurar em 1949, houve necessidade de planear um túnel de ligação entre o tabuleiro inferior da Ponte de D. Luís I e a Rua Infante D. Henrique, túnel cujos trabalhos estão já a ser feitos. Com esta obra, que técnicos, operários e firmas portuguesas traçaram e estão a construir, a zona da «Ribeira», sempre congestionada de trânsito, será sub-atravessada pela estrada e o arranjo estético da zona obedecerá também a um traçado onde o granito e as flores substituirão a feia rampa do Codessado.

O túnel será de secção elíptica e medirá cêrca de 180 metros de extensão. Será dotado de uma faixa de rolagem de 9 metros de largura, correspondente a 3 vias de trânsito, e guarnecido de 2 passeios laterais, com a laagura de 2 metros cada um, sobre-elevados de 1 metro em relação à respectiva faixa de rodagem e protegidos por «guardas». Iluminação fluorescente dar-lhe-á óptima visibilidade, dispondo essa iluminação de um sistema de comando, dotado de célula foto-eléctrica, capaz de regular a luminosidade em casos de nevoeiro ou outros.

Esta notável obra, utilitária e urbanírtica, ficará, assim, como um novo padrão do progresso nacional, atestando, igualmente, o progresso do Porto,—a metrópole do trabalho.

Tipógrafos

Meios oficiais, com bastante prática, precisam-se. Bom ordenado. Dirigir à *Tipografia Comercial*—ANADIA.

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

A Imprensa brasileira no século passado

Em 1930 editou a Livraria Central, de Lisboa, da qual é proprietário o nosso velho amigo sr. Gomes de Carvalho, um interessante livro da autoria do saudoso escritor Alberto Bessa, com o título *100 anos de vida*. E é desse livro que vamos falar um pouco dado o seu alto valor, como conhecimento sobre a expansão da imprensa brasileira no primeiro século da sua existência.

Deve-se a Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, natural do Rio de Janeiro, o primeiro periódico que apareceu no país irmão.

Foi a 1 de Junho de 1808 que surgiu o *Correio Brasiliense*, ou *O Armazém Literário*, impresso em Londres, na tipografia de W. Levis Paternoster Rovv. O seu tipo era mais o de uma revista, que de qualquer outra coisa, e tinha por divisa dois versos de Camões

Na quarta parte nova os campos dra
Que se mais mundos houve lá chegdra

Como seu principal redactor, advogava Furtado de Mendonça, no seu jornal, a independência do Brasil. Tendo por tal, D. João, proíbido por decreto de 17 de Setembro de 1811, a entrada do *Correio Brasiliense* em Portugal. Dois meses depois apareceu a *Gazeta do Rio de Janeiro*, avó, talvez, do actual *Diário do Governo*, que anteriormente se chamava apenas *Gazeta do Rio*.

Enumerar todos os jornais que depois apareceram seria missão difícil e massadora, mas alguns há que pelos seus títulos são dignos de serem conhecidos, pois neles vamos encontrar os títulos mais extravagantes, como por exemplo: *A Malagueta*, *O Piparote*, *A Palmatória*, sem esquecermos *O Limão de Cheiro* e o *Bandeira de Retalhos*.

Outros nomes há também que merecem destaque como, *O Diabo disfarçado em Ortiga* e *a Mulher do Diabo*, que é caso para se dizer — são títulos que só lembram ao diabo. Mas no que diz respeito a títulos picarescos ainda temos mais: *Dr. Tira Teimas*, *O Enfermeiro dos Doidos*, *O Médico dos Malucos* e *A Gazeta do Seringa*.

Jornais patrióticos também os houve, como *A Sentinela*, *Soldado da Tarimba*, *Soldado Liberal*, *O Vigilante* e o *Timoneiro Restaurador*, e o nosso *Soldado do Mindelo*.

Marcando datas, talvez históricas, existiu o *2 de Dezembro*, *2 de Junho*, *Sete de Abril* e *Sete de Setembro*.

No que diz respeito a nomes de animais e aves, podemos dizer igualmente que a imprensa brasileira, com os títulos dos seus jornais e revistas, organizavam um jardim zoológico. Senão vejamos: *O Macaco Brasileiro*, *O Papagaio*, *A Abelha*, *A Cigarra*, *O Pirilampo*, *O Burro Magro*, *O Cabrito*, *A Formiga*, *O Lince*, *O Bacorinho*, *O Galo da Campina*, *Ratos em Movimento*, *A Coruja*, *O Gafanhoto*, *O Perú*, *A Borboleta*, *O Picapau*, *O Pato Macho*, *O Mosquito* e o *Besouro*.

O teatro representou se na imprensa com *A Sineta dos Teatros*, *Programa Avisador*, *Semana Teatral*, etc., enquanto o desporto teve em 1840 *O Atleta*, em 1887, *O Sport*, e em 1899, *O Remo*.

E como nada é novo sobre a terra, vamos também encontrar na imprensa brasileira do século passado, nomes de jornais portugueses de hoje, *O Século*, *Diário de Notícias*, *Diário da Manhã*, *Diário Popular*, *República*, *O Sol*, *A Bomba*, *O Diabrete*, e até em 1890, no Rio de Janeiro, *O Democrata*.

ANTÓNIO CORREIA

Livros

Três Corações em Conflito

No reduzido número das escritoras portuguesas, a sr.ª D. Lyguarda Ferreira marca o seu lugar como uma das mais brilhantes. Os seus romances originais, construtivos, atraentes, revelam o fulgor dum talento fino e delicado, com um objectivo moralizador e ao mesmo tempo educativo e de recreio.

Com dificuldade, nos tempos de tão feroz materialismo que vão correndo, um escritor consegue, com as suas obras de espírito e de beleza, interessar o público. Por isso é mais notável ainda o esforço desta ilustre escritora, que firmou decididamente o seu nome.

Escrevemos estas palavras, em frente do seu quinto romance, a que deu o título *Três Corações em Conflito*, romance que impressiona pela simplicidade encantadora da acção e do descritivo, pela dignidade das figuras, pelo sentido construtivo que revela. Entre dois amores, uma alma de rapariga sem pais, hesita e reage, voltando-se, afinal, para aquele que julga mais digno de a merecer.

Três Corações em Conflito é mais um sugestivo romance publicado na conhecida «Colecção Azul», edição da Livraria Romano Torres, de Lisboa, e encontra-se à venda em todas as livrarias.

O Livro das Raparigas

Acaba de sair a 6.ª série desta antologia, organizada por Mariália, com o seguinte sumário:

Nós as raparigas — crónica de Mariália; *A herança do tio Josiah* — novela de Marjoire Bower; *Curiosidades da História*: como era o dia de uma donzela nobre no tempo dos Cruzados — por Gaston Páris; *Vida, Glória e Amores de Elizabeth Barret Browning* — por Sarah K. Bolton; *Um soneto escolhido*, de Elizabeth B. Browning; *O Bilhete* — conto de Lolo Kneip; *O Colar de Brilhantes* — novela de Guy de Maupassant; *Os sete Pecados Mortais* — conto de Selma Lagerloff; *Mulheres* — crónica por Nita Lupi; *Casei com a aventura!* — por Osa Johnsom; *Esta é a nossa Terra!* (Excertos); *A Exilada* — condensação do romance de Pearl S. Buck.

O *Livro das Raparigas* constitui uma colecção que enriquece qualquer estante, o que nos leva a aconselhar a sua aquisição às apreciadoras de boa literatura.

A edição, bem apresentada, é da Livraria Romano Torres, de Lisboa.

Malaquias Pinho das Neves

Agradecimento

Sua esposa Maria da Apresentação Neves e filhas, agradecem muito reconhecidas a todas as pessoas que envairam os seus pêsames e assistiram ao funeral do extinto.

Aveiro, 27 de Novembro de 1947

Agradecimento

A família de Tobias do Amaral Fartura não o podendo fazer por outra forma, vem, por êste meio, manifestar o seu reconhecimento às pessoas que durante a doença que o vitimou se interessaram pelo seu estado e bem assim às que o acompanharam à última morada.

A todos agradece muito reconhecidamente.

Aveiro, 2 de Dezembro de 1947

NECROLOGIA

Finou-se a semana passada, no estado de solteiro, José Migueis Picado, a quem uma grave enfermidade vinha torturando a existência.

Tinha 43 anos, era irmão de Joaquim, Abel, Serafim, Antero, Carlos e Agostinho Migueis Picado e o seu cadáver foi a enterrar no cemitério sul.

Pêsames aos doridos.

* * *

No Hospital, onde dera entrada com o crâneo fracturado em consequências dum desastre há dias ocorrido em Salreu, também sucumbiu o *chaufeur* de praça, Manuel Mendes Leal, que ante-ontem, depois de autopsiado, recebeu sepultura no mesmo cemitério.

Era casado, contava 67 anos, e deixa alguns filhos e numerosos netos, que, com os colegas e amigos, lamentam, como nós, o seu triste fim.

Correspondências

S. Tiago, 3

Efectuou-se domingo na Sé Catedral dessa cidade o consórcio da menina Marília de Oliveira Maia, simpática filha da sr.ª D. Maria Nunes de Oliveira e de seu marido o sr. José Nunes Maia, com o sr. João Ferreira da Rocha, empregado comercial.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Rosa Nunes de Oliveira e seu irmão o nosso amigo Francisco Nunes de Oliveira, e pelo noivo, a sr.ª D. Maria Matos de Jesus e o industrial sr. António de Oliveira Matos.

Os noivos, possuidores de predicados que hão-de contribuir para a felicidade conjugal, partiram, em viagem de núpcias, para o sul.

Um futuro venturoso lhes ambicionamos.

P.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Sábado, 6 de Dezembro (às 21,15 h.)

Balalaika

Domingo 7 (às 15,30 e 21,15 h.)

A Senhora Parkington

Terça-feira, 9 (às 21,15 h.)

O cavaleiro ciclone

Quinta-feira, 11 (às 21,15 h.)

3 raparigas endiabradas

Em 13 e 14:

Aí vem êle!

(O CAVALEIRO SEM MEDO)

Brevemente:

A nova produção portuguesa

Viela

(RUA SEM SOL)

Intendência Geral dos Abastecimentos

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

A Delegação Concelhia da Intendência Geral dos Abastecimentos, em Aveiro, faz público que até 15 de Dezembro próximo aceita propostas, em carta fechada e lacrada, para a venda de uma balança decimal, com a fôrça de 500 quilos, em bom estado, e ainda de 3 pesos de ferro, respectivamente, de dez, cinco e dois quilos, e de uma caixa com 10 pesos de metal amarelo, de 10 gramas até 2 quilos.

Os objetos referidos estão patentes nesta Delegação, todos os dias úteis das 10 às 13 e das 14,30 às 16 horas, a qualquer pessoa que deseje verificar o seu estado.

Aveiro, 22 de Novembro de 1947

O Delegado Concelhio

ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA CAMPOS

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
5,55 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	9,19 (rápido) [1]
8,05 (tram.)	11,13 (tram.)
12,56 (rápido)	12,18 (correio)
13,06 (tram.)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,54 (mixto)
20,39 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 19 10 e 21,07 que não seguem.
22,59 (rápido) [1]	

(1) Só se efectuam ás terças, quintas-feiras e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	7,31
15,15	11
17,38	19,12
20	23